

A CRISE DO PROGRESSO

Publicado no “Jornal de Letras”, edição de 20 de Julho de 2005

O INSUCESSO da Cimeira do G8 no que diz respeito à questão de retomar o impulso em torno das alterações climáticas, envolvendo de novo, de algum modo, os EUA, pode ter duas leituras. A que proponho para esta e para a próxima crónica de Ecologia é o que poderemos designar como *leitura longa*. Vai retomar o caminho que segui no meu mais recente ensaio, procurando relacionar a crise global do ambiente com a crise dos metaconceitos estratégicos fundamentais da civilização moderna, como é o caso do conceito de progresso.¹

HÁ CENTO e cinquenta anos, nas páginas do prefácio da sua *Contribuição para a Crítica da Economia Política*, Karl Marx partilhava connosco a sua convicção profunda acerca do futuro promissor da humanidade. A aposta de Marx no progresso humano estava tingida de cores sombrias, mas era uma clara crença numa interpretação da história como sendo percorrida por um sentido unificador, que se traduziria em maior emancipação e maior liberdade, tanto para as sociedades como para os indivíduos.

Para Marx, a metamorfose das sociedades assentaria numa dialéctica fundada no conceito de “desenvolvimento” (*Entwicklung*). Ele era o fio condutor que colocava, nas épocas de crise, as *forças produtivas* e as *relações de produção* numa rota de colisão, que só se resolveria na edificação de uma nova “formação social” (*Gesellschaftsformation*). Esta, por seu turno, permitiria um novo equilíbrio dinâmico, abrindo para um novo ciclo de desenvolvimento, acompanhado por novas configurações institucionais, por novos tipos de representação social, pelo aumento da liberdade e da autoconsciência humana quanto ao significado da existência e da nossa capacidade de autodeterminação, transformando o destino numa escolha, cada vez mais transparente e participada dos caminhos do futuro. Por isso, o seu testemunho de fé era claro: “(...) a humanidade só coloca a si própria tarefas que está em condições de resolver.”

¹ *Metamorfoses. Entre o Colapso e o Desenvolvimento Sustentável*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2005.

A ATMOSFERA intelectual neste início do século XXI está muito longe de partilhar o optimismo de Marx e do seu tempo. O surpreendente surto da ciência e da técnica, que fez multiplicar a população e a riqueza num ritmo sem paralelo histórico, não trouxe apenas boas notícias. Conhecemos hoje, por experiência própria, os efeitos colaterais nefastos da técnica. Quando procuramos identificar a hierarquia dos riscos que nos separam do futuro, aqueles que são colocados no topo da lista são os decorrentes da acção humana sobre o precário equilíbrio ecológico e ambiental do planeta. Estamos em vias de mudar o clima de forma tão profunda como inédita. Tornamos em cada dia que passa, as regiões que habitamos em lugares onde diminui a diversidade biológica e onde se enfraquece a capacidade de suporte para a nossa própria existência duradoura, sustentável, como civilização humana. Por outro lado, o aumento da riqueza não foi acompanhado pela correcção das injustiças sociais. Antes pelo contrário. Nunca como no nosso tempo existiu um tão grande abismo entre pobres e ricos, mesmo dentro das sociedades mais desenvolvidas.

Como se não bastasse o perigo mortal que o homem parece estar prestes a infligir a si próprio, o nosso conhecimento da história natural planetária, extraordinariamente ampliado nas últimas décadas, dá-nos uma imagem cruel da nossa morada cósmica. As informações disponíveis mostram-nos a existência de ciclos climáticos dominados pelo predomínio de sucessivas idades glaciares, alternados por períodos mais amenos de duração muito mais breve. Alguns autores chegam mesmo a sugerir que a história humana aproveitou para emergir, como a conhecemos actualmente, uma brevíssima janela de oportunidade associada ao último período interglaciar. Tratar-se-ia de um “longo Verão”, que permitiu em escassos milénios abrigar o nascimento da agricultura e de sucessivas revoluções tecnológicas, que conduziram às presentes estruturas das sociedades contemporâneas. (Brian Fagan, *The Long Summer: How Climate Changed Civilization*, 2003).

Mas o passado abriga também o testemunho de catástrofes naturais que, a serem repetidas, ameaçariam os próprios fundamentos da civilização como a conhecemos. Mudanças climáticas abruptas, erupções vulcânicas gigantescas, induzindo depois alterações climáticas brutais, tudo são índices do vulnerável equilíbrio entre a atmosfera, a hidrosfera, a litosfera, a biosfera... Acima de tudo são claros sinais de que a “economia da natureza”

não parece ter sido urdida tendo como objectivo final o bem e felicidade da nossa espécie!

Voltaremos na próxima crónica.

Viriato Soromenho-Marques